



DEMOCRACIA VIVA 42

MAIO 2009



Cuba e Colômbia, países parados no tempo

Anotações de uma revisita

Cuba e Colômbia ainda mantêm internamente, cada qual a seu modo, muito do clima de quatro décadas atrás. É claro que muitos aspectos mudaram desde que lá estive entre 1970 e 1972. Há mais restaurantes e cafeterias espalhados pela cidade, principalmente em Cuba, Havana Velha, que recebe muitos turistas europeus. Também brasileiros e chilenos a visitam em boa quantidade, me explicou o comissário da Copa Airlines. Já não é aquela austeridade absoluta e forçada das décadas de 1960 e 70 nem do “período especial” da década de 1990, de forte escassez após o fim do bloco soviético. Já há um certo patamar de consumo, digamos de classe média, para quem tem CUC. Hoje, os cubanos estão divididos entre quem dispõe dessa moeda conversível, equivalente ao dólar, e os que sobrevivem com o velho peso. O CUC circula em Cuba desde 2004, valendo 26 vezes o peso. Na verdade, substituiu o dólar, cuja circulação era permitida desde 1993, gerando dois mercados paralelos. Bens e serviços que se compram com a moeda conversível não são acessíveis à outra. Criou-se uma desigualdade qualitativa.

Mas muito ainda parece congelado no tempo. O bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, desde 1962, continua o mesmo, determinando muito da vida, dos dramas e dos sonhos cubanos. O Partido Comunista segue monopolizando o poder de forma inflexível, passando pelo seu crivo quase tudo que ocorre na Ilha. Os expurgos ainda são a parte visível das reviravoltas na política e o anti-imperialismo permanece dominante nas palavras de ordem e nas ações concretas.

Na outra ponta do leque ideológico latino-americano, a Colômbia também nos remete a 40 anos atrás, ao clima do “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Boa parte da sociedade colombiana, especialmente os movimentos sociais, tem seus passos truncados pela armadilha do maniqueísmo armado. Quem não é governista, é guerrilheiro, terrorista. Além dos assassinatos por razões políticas, ou interesses particulares mascarados de políticos, têm proporções terríveis os “desplazamientos”. São multidões expulsas das suas terras ou moradias pelo Exército, pelos paramilitares, a guerrilha, o narcotráfico e outros agentes de força que incluem bancos e Justiça (na Colômbia, há um movimento “viviendista” que resiste ao desalojamento judicial de mais de 800 mil famílias inadimplentes do financiamento habitacional a juros de 37% ao ano). Qualquer resistência ou atitude crítica pode significar risco de morte.

Muitos, como os índios, camponeses, professores e sindicalistas, vivem sob permanente fogo cruzado. Em fevereiro, 17 índios Awá foram assassinados, 13 deles pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), segundo a Organização Nacional Indígena da Colômbia (Onic). A guerrilha justificou o massacre acusando os índios de terem sido informantes do Exército. Por outro lado, muitos mais foram os índios mortos pelos militares por suposta colaboração com a guerrilha. Nos últimos sete anos, foram 1.303 assassinatos cometidos por todas as forças em conflito, Exército, guerrilha, polícia e paramilitares, e esses crimes se intensificaram no início de 2009, denunciou a Onic. Parece haver um acordo mesmo entre tropas inimigas para massacrar e expulsar os índios dos seus territórios, acusa Aida Quilcué, líder indígena do Cauca, departamento do sudoeste que concentra o maior número de índios na Colômbia (ler a respeito entrevista na IPS, disponível em <<http://www.ipsnoticias.net/nota.asp?idnews=91817>>).

A debilidade do movimento camponês e sindical na Colômbia é atribuída principalmente à alta mortalidade dos seus líderes e ativistas, além do desterro a que foram obrigados milhões de trabalhadores pela guerra, pelas ameaças e atentados de todo tipo. São deslocamentos forçados dentro do país e para o exílio, na tentativa de salvar a pele. Os deslocados internos somaram 4,63 milhões de pessoas entre 1985 e 2008, segundo a Consultoria para os Direitos Humanos e Deslocamentos (Cohdes), de Bogotá. É pouco mais de 10% da população total. O governo admite uma cifra menor, 2,93 milhões, para um período menor, de 1997 a fevereiro de 2009.

Um estudo da Comissão Colombiana de Juristas, conduzida pela advogada Lina Paola Malagón, listou 2.694 sindicalistas assassinados nos últimos 23 anos, 685 dos quais dirigentes e com total impunidade em 96% dos crimes. É preciso uma reposição acelerada de líderes, e nisso a Colômbia deve ser campeã, para manter minimamente ativos os movimentos. Grande parte das lideranças morre na tentativa de abrir terceiras vias, rejeitando a adesão a um ou outro lado da confrontação armada, a dicotomia entre governo e guerrilha que sufoca alternativas e justifica o massacre.

Comparações

Visitei Cuba em março de 2009, 37 anos após ter vivido lá por dois anos e meio. Agora, com outros olhos, sem as ilusões revolucionárias da década de 1960, me encantei com Havana Velha e sua restauração, um trabalho que talvez demande séculos. São milhares de edifícios, igrejas e solares monumentais que merecem reviver, após muitas décadas de deterioração.

Esse imenso patrimônio histórico, cultural e arquitetônico, construído nos séculos 16 e 17, mais o centro de Havana, bairros como Vedado e Miramar e as longas “calzadas” rumo à periferia, com seus casarões e colunas separando as calçadas internas e descobertas, só sofreram alterações pela ação do tempo nesses 50 anos da revolução cubana. A degradação pela falta de manutenção teve como contrapartida a conservação arquitetônica e urbana da cidade, tal qual a encontraram os guerrilheiros vitoriosos em 1959. Tivesse Cuba seguido a lógica capitalista, boa parte dos bairros históricos teria sido substituída pelos arranha-céus, *shopping centers* e edifícios modernos, como ocorreu em São Paulo e no Rio de Janeiro.

* Mario Osava

Jornalista da agência de notícias InterPress Service (IPS) e membro do Conselho Editorial da revista Democracia Viva

Fica claro por essa herança que Cuba tinha, em 1959, uma elite e classe média urbana de uma pujança econômica praticamente sem similar na América Latina, em proporção à sua população. Algo diferente da imagem de país pobre e prostituído, “campesino”, que correu o mundo nas interpretações da revolução.

A restauração de Havana Velha, uma façanha do historiador Eusebio Leal, é provavelmente emblemática das lentas transformações que vive Cuba. Sua administração pela Oficina do Historiador tem autonomia, com um orçamento próprio alimentado pela renda gerada internamente, principalmente pelo turismo e a exploração dos espaços e edifícios. Quase toda a arrecadação é investida em restauração e projetos sociais do próprio “casco viejo” da cidade.

A atividade libertou-se assim, em certa medida, do sufocante controle que exercem a burocracia e as rígidas regras sobre a economia, a política e todos os setores da sociedade. Um restaurante, por exemplo, ainda que privado, não pode adquirir produtos hortícolas diretamente dos produtores, nem mesmo autoabastecer-se contando com uma chácara própria. É um país ainda amarrado pela vigilância que aparentemente se exacerbou pela pressão das “ameaças imperialistas”, do bloqueio econômico, em um ambiente de Guerra Fria, e não parece perto de nenhum abrandamento – a julgar pelo recente expurgo do ex-vice-presidente Carlos Lage, mentor dos ajustes econômicos da década de 1990, e do ex-chanceler Felipe Perez Roque.

Mas o aspecto que mais impressiona um observador estrangeiro é a quantidade de graduados universitários ocupados em atividades muito abaixo e discrepantes da sua formação. Engenheiros trabalhando como taxistas, economistas na recepção de um hotel, biólogos trabalhando em bares. Cuba virou uma grande exportadora de médicos. Os diplomados excedentes se encontram por toda parte, em uma inflação educacional que desmoraliza qualquer planejamento. Uma faculdade de informática forma cerca de 2 mil engenheiros ao ano, quase todos condenados a subutilizar seus conhecimentos em um país onde a banda larga de Internet ainda é um sonho distante, mesmo para profissionais de comunicação, como correspondentes internacionais. Uma linha dedicada de baixa velocidade custa cerca de mil dólares mensais. Resultado: o sonho de muitos desses jovens é emigrar, tentar a sorte e realizar-se profissionalmente

no exterior. São raros os autorizados a fazê-lo por ter parentes fora ou algum dos limitados esquemas para sair da Ilha.

A situação favorece a transformação de Cuba em uma grande fornecedora de serviços de *offshore outsourcing*, a exemplo da Índia. Há uma farta mão-de-obra qualificada e ociosa, de custo baixíssimo. Algumas centenas de dólares (ou CUC) representam uma fortuna para o cubano comum de hoje. Estão disponíveis centenas de milhares, senão milhões, de jovens com formação universitária, cuja ocupação remunerada em divisas pode ter um grande impacto na economia cubana, com provável repercussão na vida política. Para o regime, tem a vantagem de dinamizar a economia e trazer divisas sem os “inconvenientes” do turismo que estabelece o contato entre estrangeiros e nacionais. Mas só será possível com uma internet rápida, menos controlada, e a disposição governamental de abrir o país a essa atividade econômica. Os jovens com quem conversei sobre isso são meio céticos. O regime terá outras prioridades quando o cabo de fibra ótica que se está implantando entre Venezuela e Cuba permitir uma banda larga de fato, acreditam.

Não se vislumbra nenhum movimento social ou político interno que possa romper as amarras econômicas e políticas. O processo vivido por Cuba nestes 50 anos não fortaleceu a sociedade civil, sua participação, sua mobilização, pelo contrário. Os Conselhos de Defesa da Revolução, organizados nos bairros, hoje em nada lembram o ativismo do início da revolução. Isso faz concentrar as esperanças em um fim ou relaxamento do bloqueio americano. São incertos os rumos econômicos. Uma informação que me surpreendeu foi a de que Cuba hoje importa açúcar, depois de desativar a maioria das usinas.

Algumas mudanças setoriais são sensíveis em Cuba. Já não se reprimem os homossexuais, tidos como contrarrevolucionários nas décadas passadas. Mas isso se deve à atuação de Mariela Castro, filha do agora presidente Raul Castro, uma psicóloga que defende a diversidade sexual.

As boas relações atuais de Cuba com Colômbia indicam que tudo mudou nas questões que interessam aos dois lados e acabam por contaminar todas as lutas políticas e sociais da Colômbia, sobrando violência principalmente para aqueles que, como os índios, têm seu território disputado. O presidente Álvaro Uribe trata de identificar a guerrilha como única inimiga, identificando com ela toda oposição incômoda. ■